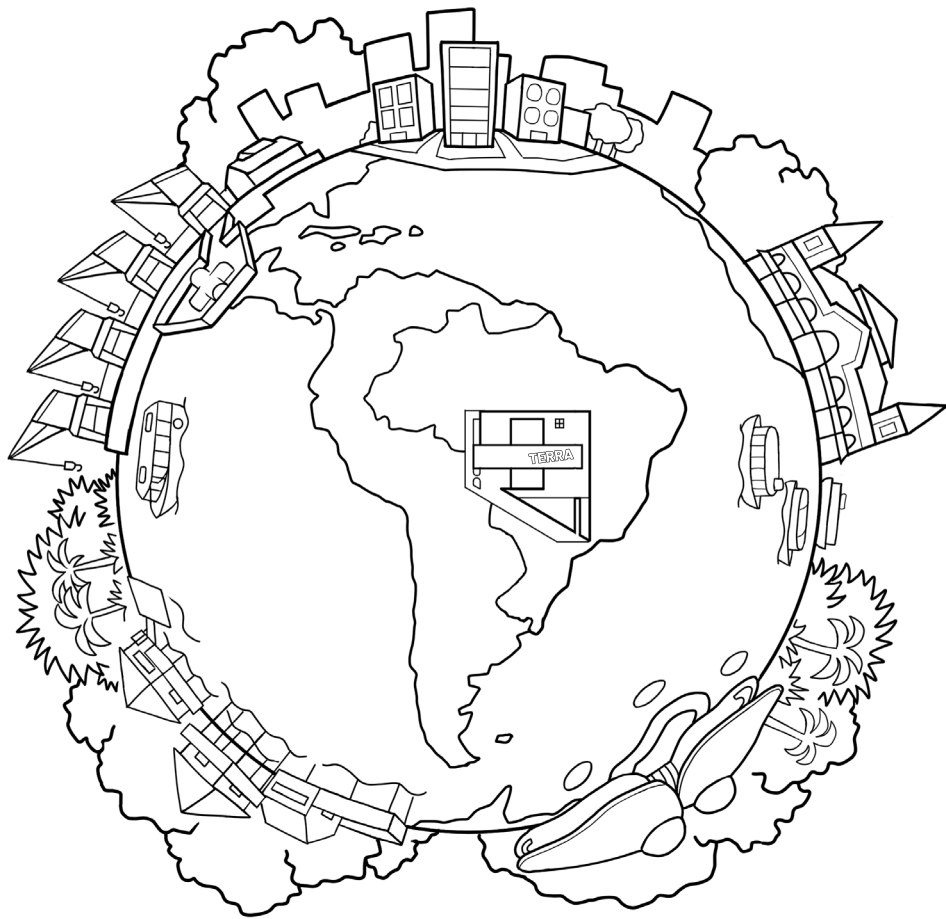


Ministério da Cultura e MuBE apresentam

Material educativo

A TERCEIRA MARGEM DA CIDADE: PAULO MENDES DA ROCHA E OS DESAFIOS DA VIDA NO PLANETA



Capa para colorir

QUER CONTAR UM POUCO SOBRE ONDE VOCÊ VIVE?

Pode ser desenho, colagem ou texto:
você escolhe!



O QUE VOCÊ TEM NAS MÃOS

Construímos este material para falar com você, estudante, sobre meio ambiente urbano. Nele, fazemos um passeio pelos principais assuntos da COP 30, realizada em Belém, no Brasil, e, a partir do conteúdo da exposição **"A terceira margem da cidade: Paulo Mendes da Rocha e os desafios da vida no planeta"**, em cartaz no MuBE, em São Paulo, vamos falar sobre as cidades e os imensos desafios que as mudanças climáticas nos apresentam.

Para aqueles que nos visitaram no museu, convidamos a continuar a conversa. Para os que não estiveram presencialmente, convidamos para começar uma. **Vamos lá?**

Flavia Velloso, Diretora-presidente do MuBE

COP É ASSUNTO PARA JOVENS E CRIANÇAS?

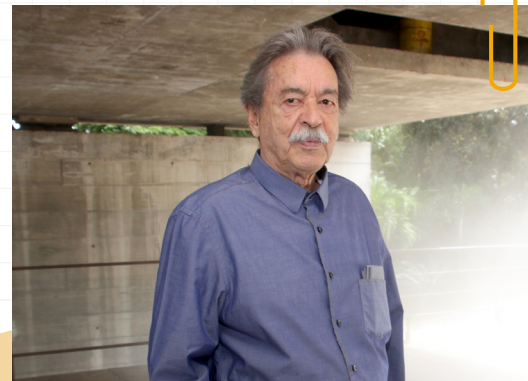


SIM!

As queimadas na Floresta Amazônica, as enchentes em Porto Alegre, o crescimento desordenado das cidades, os rios poluídos, a falta de saneamento e a degradação de nossos mares, são exemplos que mostram o **quão urgente é a questão ambiental, que afeta não só o presente, mas, principalmente, o futuro da vida no planeta**. Por isto, é tão necessário que os jovens e as crianças participem ativamente, de forma organizada e informada, desse debate. Afinal, há muitas e importantes escolhas a serem feitas agora, cujos efeitos serão sentidos pelas próximas gerações.

VOCÊ SABE O QUE UM URBANISTA FAZ?

Um urbanista **é a pessoa que planeja e organiza os espaços públicos**, como os parques, praças, ruas e a própria cidade. Por isto, o papel do urbanista é cada vez mais importante na adaptação e no planejamento das cidades para enfrentar os efeitos das mudanças climáticas.



PAULO MENDES DA ROCHA

Arquiteto, urbanista e professor, Paulo Archias Mendes da Rocha nasceu em Vitória (Espírito Santo, Brasil) em 1928. Graduiu-se na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em São Paulo (1954). Aos 29 anos, venceu o concurso para o Ginásio do Clube Atlético Paulistano. Participou do grupo que ficou conhecido como "escola paulista" de arquitetura, liderado por Vilanova Artigas.

Realizou projetos de escolas para a rede pública e se tornou professor na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAU/USP, em 1959. Afastado das atividades como professor entre 1969 e 1980, durante a ditadura militar (1964-1985) no Brasil. Atuou como presidente do IAB/SP (Instituto de Arquitetos do Brasil) em dois momentos: em 1972-1973 e 1986-1987. No fim dos anos 80, obteve maior reconhecimento público ao vencer o concurso do projeto do MuBE. Na década seguinte, realizou projetos importantes em São Paulo, como a reforma da Pinacoteca do Estado de São Paulo (1993). Teve sua visibilidade internacional amplificada em 1997, com a Sala Especial Mendes da Rocha na 10ª Documenta de Kassel, na Alemanha. Em 2006, recebeu a maior premiação mundial para arquitetos, o prêmio Pritzker, e em 2016 foi o vencedor do Leão de Ouro de Veneza, entre muitos outros prêmios internacionais que ganhou nos anos seguintes. Trabalhou ativamente até seu falecimento em 2021.

Para Mendes da Rocha "A cidade é feita mais de pessoas do que de construções" e, com este pensamento, projetou diversos espaços públicos e reimaginou a cidade como um lugar que deveria possibilitar o encontro das pessoas.

Ao longo deste material você encontrará diversas frases e ideias do arquiteto e urbanista que nortearam a exposição e a nossa reflexão sobre as cidades em suas diversas dimensões.



A sociedade se mobiliza para transformar...

(Paulo Mendes da Rocha,
em palestra no MuBE, 2019)



VOCÊ CONHECE O MUBE ?

O Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia (MuBE) é uma instituição cultural localizada na cidade de São Paulo, Brasil. Foi inaugurado em maio de 1995, a partir da mobilização da sociedade que buscava impedir a construção de um shopping center no local, pois as pessoas queriam um melhor uso para a área.

Foi assim que o MuBE nasceu. Da vontade das pessoas que, de forma conjunta e organizada, escolheram ter um museu em vez de um shopping center.

O edifício que abriga o MuBE foi projetado pelo arquiteto Paulo Mendes da Rocha, e seu jardim, pelo paisagista e ambientalista Roberto Burle Marx. É uma construção toda em concreto com linhas retas e vazadas, distribuída em três diferentes níveis. Tem um grande vão livre, espaços amplos e iluminação natural em todos os ambientes. Além da área externa, o MuBE tem ainda uma grande área interna, com espaços para exposições, ateliês, escritório, auditório e restaurante. Mas da rua você quase não consegue ver essas áreas que estão, em grande parte, no subsolo, respeitando a geografia do terreno.

O piso de concreto da área externa - que, visto da rua, parece um bloco contínuo - é, na verdade, uma grande área de captação de água da chuva, utilizada para abastecer os espelhos d'água do museu.

O edifício do MuBE é considerado uma das obras mais importantes da arquitetura brutalista - essa toda feita de concreto aparente - no mundo.



VOCÊ SABE O QUE SÃO AS MUDANÇAS CLIMÁTICAS?



As mudanças climáticas são transformações de longo prazo nos padrões de temperatura e clima. Elas podem ocorrer por causas naturais, como, por exemplo, variações no ciclo solar. Porém, desde 1800, as atividades humanas são o principal motor das mudanças climáticas, principalmente pela queima de combustíveis fósseis como carvão, petróleo e gás. A queima desses combustíveis produz gases de efeito estufa que agem como um grande cobertor em torno da Terra, retendo o calor do Sol e elevando as temperaturas.

Os principais gases de efeito estufa incluem dióxido de carbono e metano. Eles são emitidos, por exemplo, pelo uso de gasolina em veículos ou do carvão para aquecer um prédio. O desmatamento de terras e florestas também pode liberar dióxido de carbono, e os aterros sanitários são fontes de emissões de metano. Energia, indústria, transporte, edificações, agricultura e uso da terra estão entre os principais emissores. As mudanças climáticas podem afetar nossa saúde, a produção de alimentos, a moradia, a segurança e o trabalho.

(ONU / <https://brasil.un.org/pt-br/175180-o-que-sao-mudancas-climaticas>)



“ Uma ideia fundamental e, talvez, além disso, insubstituível para uma conversa, é a consideração da natureza não como simples paisagem, mas como um conjunto de fenômenos.

(Paulo Mendes da Rocha, trecho do vídeo “A Natureza como Projeto”)

EVENTOS CLIMÁTICOS RECENTES

Temos visto, com frequência, notícias de vários eventos climáticos, em todo o mundo, durante o ano de 2025, que provocaram mortes e deixaram milhares de pessoas desabrigadas.

As inundações no Rio Grande do Sul e as secas na Amazônia, no Brasil, os incêndios florestais de grandes proporções, em meio a uma forte onda de calor na Europa, como por exemplo na Grécia, Portugal e Espanha. Nos Estados Unidos, o devastador incêndio em Los Angeles, no estado da Califórnia.

Alertas que não podem e não devem ser ignorados.

A COP30, EM BELÉM DO PARÁ, BRASIL

O que é conhecido como “COP” (Conferência das Partes), é o conjunto de cúpulas anuais de mudança do clima, realizadas normalmente em novembro ou dezembro.

A Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (CQNUMC ou UNFCCC, na sigla em inglês) criou a COP como órgão responsável por tomar as decisões necessárias para implementar os compromissos assumidos pelos países no combate à mudança do clima. A COP é composta por todos os países que assinaram e ratificaram a Convenção. Atualmente, 198 países participam da UNFCCC, o que faz dela um dos maiores órgãos multilaterais do sistema das Nações Unidas (ONU).

(<https://cop30.br/pt-br/sobre-a-cop30/o-que-e-a-cop>)



QUAIS SÃO OS PRINCIPAIS TEMAS DISCUTIDOS NA COP30?

(<https://www.gov.br/mdr/cop30/perguntas-frequentes/quais-sao-os-principais-temas>)

- 01 Redução de emissões de gases de efeito estufa.
- 02 Adaptação às mudanças climáticas - aumentar resiliência e reduzir vulnerabilidades.
- 03 Financiamento climático para países em desenvolvimento.
- 04 Tecnologias de energia renovável e soluções de baixo carbono.
- 05 Preservação de florestas e biodiversidade.
- 06 Justiça climática e os impactos sociais das mudanças climáticas.



Neste material, vamos nos concentrar em mitigação, adaptação e tecnologias, temas mais diretamente ligados às cidades e à nossa atual exposição.

O QUE OS POVOS ANCESTRAIS NOS ENSINAM

O ser humano é capaz de habitar o planeta e não destruir o ambiente. Ao invés de deixar ruínas, ter como legado uma floresta.

No ano de 2024, como uma forma de contribuição do MuBE à preparação para a COP 30, apresentamos a exposição “Mupotyra: arqueologia amazônica”. Realizada em parceria com o Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), e curadoria de Naine Terena, Carla Gibertoni, Eduardo Góes Neves, Guilherme Wisnik e Ricardo Cardim, esta mostra partiu de estudos que indicam que a ação de povos indígenas ancestrais teria sido determinante para a formação da Floresta Amazônica. Abaixo, reproduzimos trechos do texto dos curadores da exposição:

“Aprendemos que o bioma amazônico é um puro fato da natureza e que os povos indígenas que o habitavam antes da chegada dos portugueses tinham uma cultura primitiva, muito distante da nossa ideia de “civilização”. Hoje, com as pesquisas feitas com novas tecnologias de sensoriamento remoto, são encontrados vestígios de complexas redes de caminhos e grandes agrupamentos humanos na Amazônia, cujas construções eram feitas de materiais perecíveis, como a madeira e a palha.

Além disso, o estudo sobre a chamada “terra preta indígena”, somado à percepção da concentração singular de espécies vegetais na mata, tem mostrado que a floresta, tal como a conhecemos, é também um produto da atividade humana.

Isto é, sua configuração atual é resultado de longos processos de manejo postos em prática pelos povos ameríndios que a ocuparam e ocupam ao longo de séculos. Resultado por excelência de teias de relações multiespecíficas entre plantas, animais e humanos e, portanto, patrimônio biocultural, a floresta amazônica pode ser lida, nessa chave, também como uma espécie de monumento coletivo marcado pela cultura da diferença e da abundância – paradigmas difíceis de compreender pelo pensamento homogeneizante do capitalismo. Pensamento que tem levado a permanentes ações de destruição desse bioma a partir da segunda metade do século passado, como atesta a inédita coleção de objetos do botânico Ricardo Cardim.”

“a primeira e primordial arquitetura é a geografia.

(Paulo Mendes da Rocha)



“Em Nheengatu, a “língua-geral” amazônica, Mupotyra significa “florescer”. Nesta exposição, por meio da arqueologia, revisitamos o passado como maneira de se repensar a história, e, assim, imaginar novos futuros. Um chamado de consciência para se reflorestar as mentes.”

“

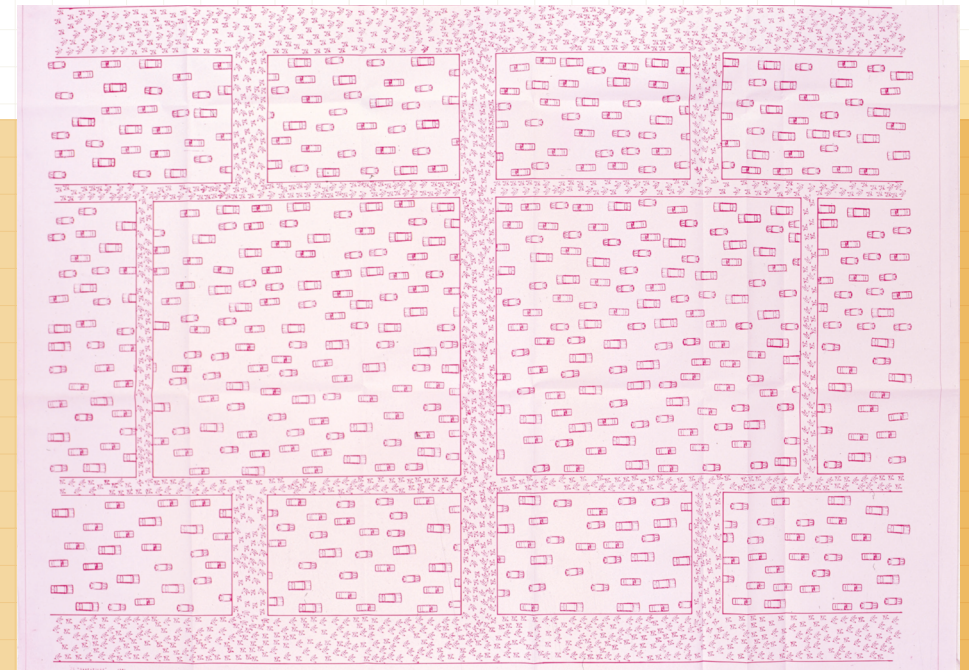
Não queria falar muito do automóvel porque é muito evidente, muito falado. É um absurdo. É um absurdo você morar em um apartamento de 50 m², e ter uma garagem que exige 25 m² por cada carro. E é um absurdo você imaginar o transporte individual como uma lata que pesa 700 kg, você pesa 70 Kg. Então, você tem uma guerra do petróleo. O mundo está todo na mesma situação, é de desespero e desencontro, por causa desse famigerado petróleo. Você enfrenta essa parafernália toda para enfiar a gasolina no carro. Queimar as entranhas da Terra. [Transformar] o petróleo em gás - você está destruindo o planeta! - um gás irrespirável, para levar uma lata de 700 kg com uma pessoa de 70 kg...

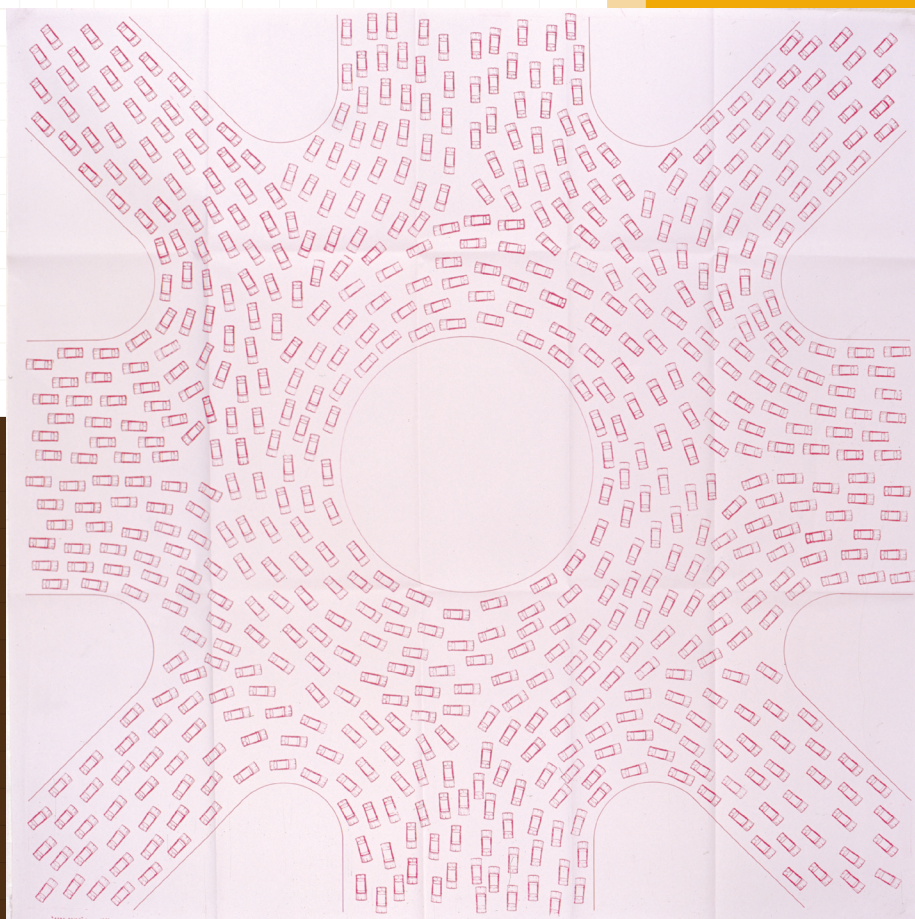
(Paulo Mendes da Rocha, em entrevista à TV Cultura)

Como comparação, a composição da Frota G do metrô de São Paulo, que usa eletricidade como fonte de energia, pesa 266.000 kg vazia para transportar cerca de 1.500 pessoas.

(Fonte: Secretaria dos Transportes Metropolitanos de São Paulo
https://www.instagram.com/p/C3Dgk1nyBTq/?utm_source=ig_embed&utm_campaign=loading).

Ou seja, no caso do metrô seriam cerca de 177 Kg por pessoa transportada, ao invés de 700 kg para 1 pessoa sozinha em um carro.





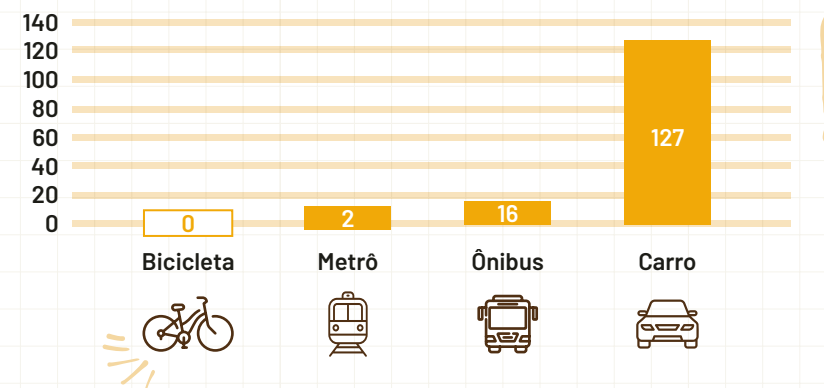
OS DESLOCAMENTOS NA CIDADE E O EFEITO ESTUFA

Menos carros, mais ônibus, metrô e bicicleta

Segundo o "Relatório Coalizão dos Transportes - como tornar o setor de transportes um contribuidor ativo para a redução das emissões brasileiras", publicado em 2025, como contribuição do setor para a COP 30, as emissões produzidas na mobilidade urbana são muito importantes para as metas climáticas do Brasil. **Com 87% da população brasileira vivendo em cidades, estima-se que 45% do potencial de redução de emissões urbanas do Brasil até 2050 venha de transportes.**

Apesar das cidades serem diferentes entre si, de modo geral, segundo o relatório, 70% das emissões de transportes dos centros urbanos brasileiros vêm dos carros, o que pode ser observado no gráfico abaixo:

Emissões de gases de efeito estufa (GEE) por Passageiro – km
Visão São Paulo (gCO₂/pkm)



A CIDADE DE 15 MINUTOS

A “cidade de 15 minutos” é um conceito de ambiente urbano em que os moradores são capazes de acessar suas necessidades básicas, como moradia, escola, trabalho, lazer, áreas verdes, saúde e comércio, com deslocamentos que podem ser feitos em até 15 minutos a pé, de bicicleta ou com o uso de transporte público. Este modelo, idealizado pelo renomado urbanista Carlos Moreno, busca a redução do uso dos carros e, consequentemente, a queda das emissões de carbono, além da diminuição do tempo gasto nos deslocamentos das pessoas e o fortalecimento da economia local. Uma cidade voltada para as pessoas e mais sustentável.

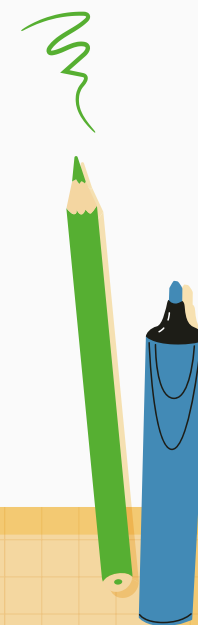


“Gozo das virtudes da cidade: vou e volto a pé de casa para o escritório todos os dias... Estou a 1,5 km, no máximo. Esse trajeto qualquer um anda, tanto faz se tem 16 ou 70 anos. Talvez canse menos do que pegar o automóvel: tirá-lo de onde está estacionado e enfrentar o trânsito.

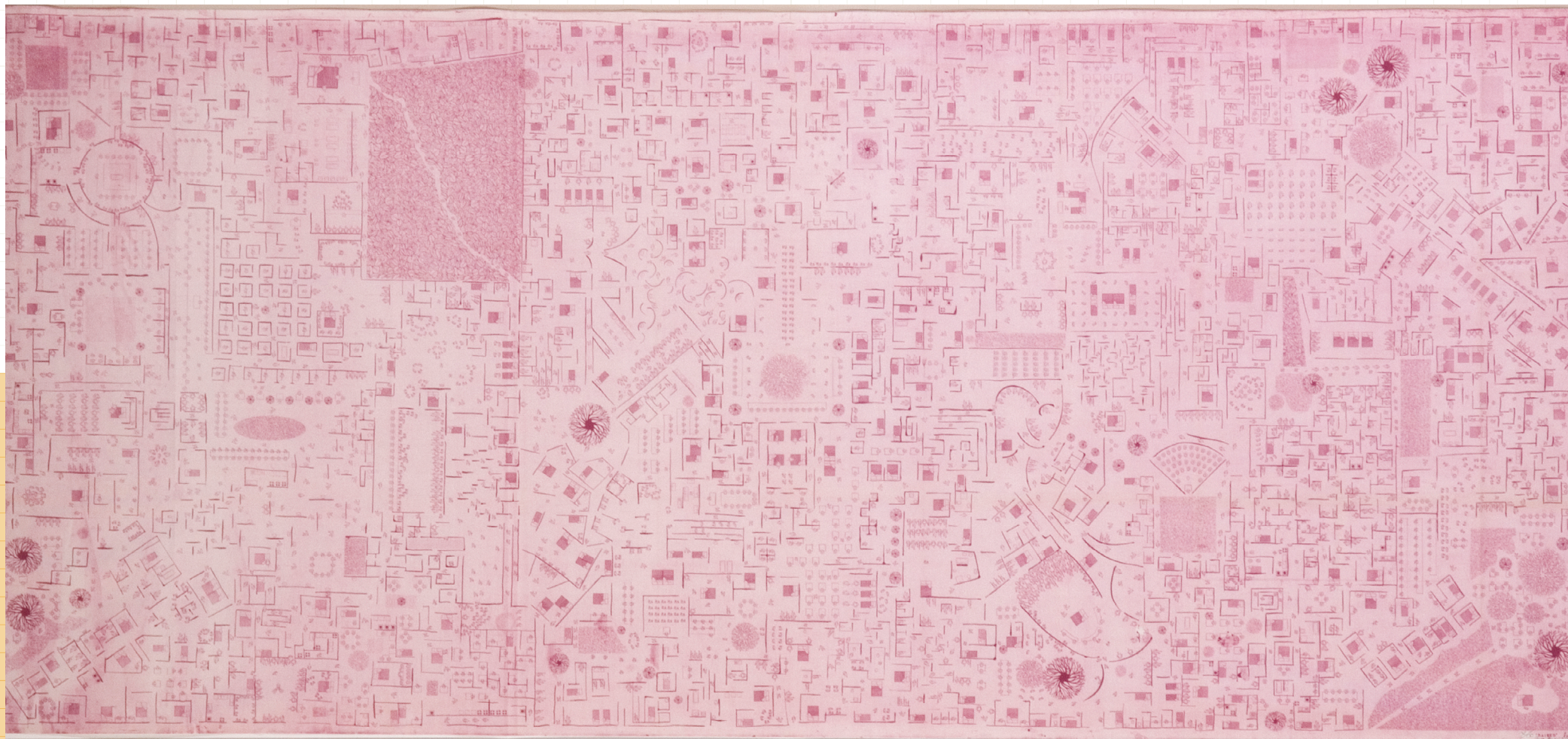
(Paulo Mendes da Rocha em entrevista ao Jornal Valor Econômico, ao responder à pergunta de como se deslocava pela cidade, aos 85 anos de idade)

COMO VOCÊ SE MOVE PELA CIDADE? E O QUE PODERIA SER DIFERENTE PARA REDUZIR AS PEGADAS DE CARBONO?

Pode ser desenho, colagem ou texto:
você escolhe!



A CIDADE IMAGINADA PELO ARTISTA LEÓN FERRARI



“...aparece essa forma mecânica de flutuação por dentro dos continentes, como grandes avenidas pré-existentes naturalmente, que são os rios. Portanto, a chamada navegação interior...”

Vídeo: *Questões fluviais – Ocupação Paulo Mendes da Rocha* (2018), Itaú Cultura

Na região Norte do Brasil, onde se localiza Belém do Pará, cidade sede da COP 30, os rios são as “estradas” para o deslocamento de cargas e passageiros. A malha hidroviária, com mais de 16 mil quilômetros de rios navegáveis na região, é a conexão entre os grandes centros das capitais, os municípios do interior e as comunidades ribeirinhas, localizadas em áreas mais remotas. Trata-se de uma solução logística essencial para o desenvolvimento social, econômico e cultural da população local.

OS RIOS COMO PARTE DA CIDADE

A CIDADE PRECISA SER REPENSADA A PARTIR DE SUAS VIAS FLUVIAIS, QUE Podem OFERECER LAZER, MOBILIDADE E ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA.

Os rios são fundamentais para a sobrevivência humana e desde o início das civilizações, tiveram papel fundamental para a formação de agrupamentos e cidades.

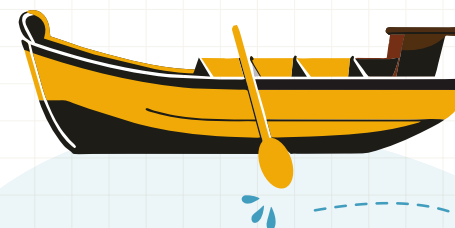
Com o crescimento urbano desenfreado, os rios passaram a ser enxergados como um problema e não mais uma solução. Eles começaram a ser canalizados e cobertos por avenidas, além da grande quantidade de esgoto sem tratamento que passaram a receber.

Sentimos agora o resultado de tudo isso. Com as chuvas, e os rios espremidos em leitos artificiais de concreto, ocorrem as enchentes e, nos períodos de seca, a falta de água. Com os efeitos das mudanças climáticas, tudo se agrava.

E pensar que foi possível nadar no rio Tietê até a década de 1930, um dos símbolos da cidade de São Paulo, hoje conhecido por sua poluição.

Mas várias cidades no mundo estão começando a resgatar seus rios como forma de mobilidade e lazer. Um exemplo emblemático é o rio Sena, em Paris, onde já é possível nadar.

O projeto do Hidroanel Metropolitano de São Paulo, uma rede de vias navegáveis composta pelos rios Tietê e Pinheiros, busca trazer para a cidade 170km de hidrovias urbanas.



MITIGAÇÃO DE EFEITOS

Já estamos sentindo os efeitos das mudanças climáticas. Por isso, é tão urgente tomar medidas para reduzir esses efeitos (mitigação) e adaptar as cidades para que consigam enfrentar essa nova realidade: chuvas mais concentradas, ondas de calor, ventos mais velozes, entre outros.

CIDADE-ESPONJA

Como forma de evitar e prevenir enchentes, a “cidade-esponja”, conceito criado pelo arquiteto chinês Kongjian Yu, é uma forma de planejamento urbano baseado em soluções da natureza. Nela, árvores, áreas verdes como parques e praças, telhados verdes e pavimentos permeáveis, por exemplo, são parte da infraestrutura utilizada para absorver, reter e reutilizar a água da chuva. É comum, em áreas urbanas, canalizar rios, sob ruas e pavimentos de concreto, o que dificulta o gerenciamento da água das chuvas. Na cidade-esponja, por outro lado, ao invés da infraestrutura de concreto tradicional, usa-se a capacidade natural de absorção dos elementos da paisagem para ajudar a aumentar a resiliência climática das cidades.

Na China, país de origem do conceito, a cidade-esponja foi adotado como política nacional de construção urbana.

A FLORESTA DE BOLSO

A Floresta de Bolso é uma técnica mais natural de restauração ecológica da Mata Atlântica desenvolvida pelo botânico Ricardo Cardim.

Inspirada em anos de observação e estudo da literatura científica sobre as capoeiras naturais do bioma, procura respeitar a dinâmica competitiva original das florestas tropicais jovens, o que proporciona um crescimento mais rápido, maior resiliência e menor manutenção, dentro do que pode ser chamado de “competição-cooperação” entre as suas plantas. Os diferentes tipos de crescimento das espécies, aliados à alta densidade, geram em pouco tempo diferentes estratos florestais, um sub-bosque, incluindo grande quantidade de espécies produtoras de recursos, como frutíferas nativas, que atraem animais polinizadores e dispersores, e melhoram o meio ambiente local.

A Floresta de Bolso pode ser aplicada dentro e fora das cidades, conseguindo, quando bem planejada e implantada, ocupar eficientemente e com grande êxito áreas urbanas poluídas e hostis e zonas rurais com espécies exóticas invasoras, reestabelecendo rapidamente o microclima e serviços ecossistêmicos.



Como exemplo, a Floresta de Bolso de Pinheiros, SP, implantada em área pública de 600 m² no meio de intensa malha urbana, pode ter o seu veloz desenvolvimento facilmente constatado desde maio de 2017, por meio da ferramenta Google Earth.

ADAPTAÇÃO

LEÕES QUE SE MUDARAM DO DESERTO PARA O LITORAL PARA SOBREVIVER, E O SABIÁ QUE CANTA NA MADRUGADA DA CIDADE PARA ENCONTRAR SUA PARCEIRA.

Não são só os seres humanos que precisam se adaptar às novas condições do ambiente para sobreviver. Isso já vem acontecendo com os animais, como nos exemplos abaixo:

“ Eles se mudaram do árido deserto do Namibe para o litoral do Atlântico em 2017, em busca de alimento. Os leões alteraram drasticamente sua dieta e seu comportamento para se adaptar ao novo habitat.

Conta a fotógrafa belga Griet Van Malderen, em reportagem da BBC Brasil, sobre o grupo de 12 leões e leas do deserto que hoje vivem na Costa dos Esqueletos, na África.

(<https://www.bbc.com/portuguese/articles/c867ppdw59po>)

Já a reportagem do G1, publicada em 2023, relata:

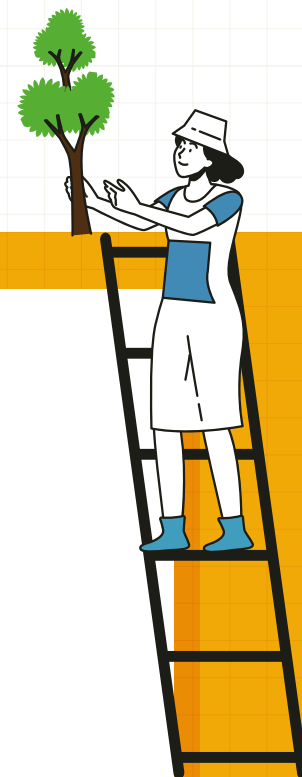
“ Para fugir do barulho da cidade, sabiá-laranjeira tem cantado cada vez mais cedo nas madrugadas de São Paulo - considerado um dos símbolos do Brasil, pássaro passou a cantar antes das 4h para não competir com o ruído da cidade. Objetivo é conseguir ser ouvido e encontrar uma fêmea.

(<https://g1.globo.com/sp/sao-paulo/noticia/2023/10/25/para-fugir-do-barulho-da-cidade-sabia-laranjeira-tem-cantado-cada-vez-mais-cedo-nas-madrugadas-de-sao-paulo.ghml>)



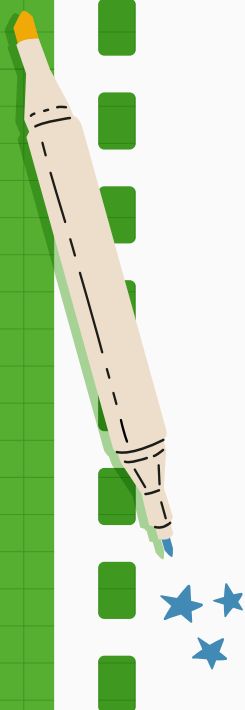
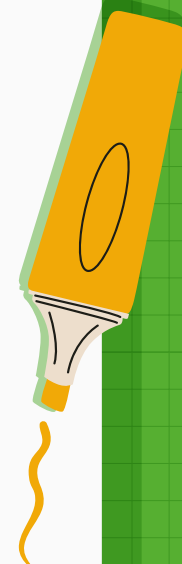
MUDANÇAS DE HÁBITOS

Que hábitos você poderia mudar para contribuir para a redução dos efeitos das mudanças climáticas e melhor se adaptar às novas condições que nos esperam?



**ESTE ESPAÇO É PARA VOCÊ MOSTRAR
SUAS IDEIAS PARA A CIDADE DO FUTURO**

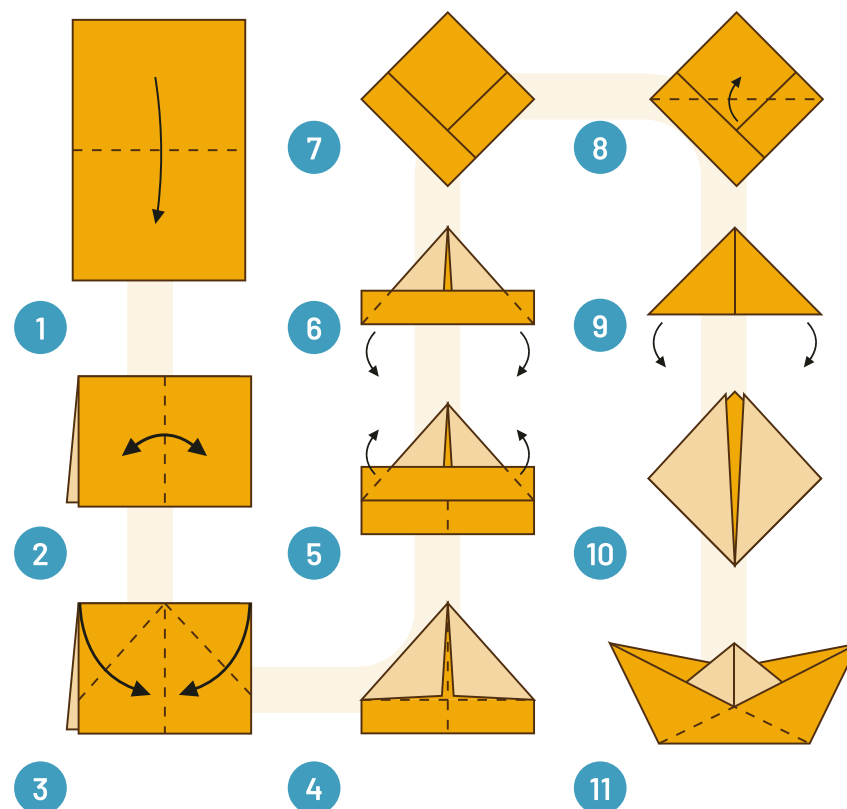
FUTURO



MAQUETES DE PAPEL

Vamos fazer um barquinho de papel como o da obra ao lado, da artista Sandra Cinto?

Você só precisa de uma folha de papel e seguir as instruções abaixo para dobrar o papel!



CRÉDITOS DAS IMAGENS

Capa - ilustração Rodrigo Gomes

Pág 3 - Carmela Gross, TERRA [EARTH], 2017. fita de LED e estrutura metálica, 4,38 x 16,80 m, acervo MuBE - Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia. Foto: Leandro Lima

Pág 4 - Paulo Mendes da Rocha. Foto: Denise Andrade (2017)

Pág 5 - Vista da exposição de Amílcar de Castro no MuBE, 2021. Foto: Leonardo Finotti

Pág 7 - Vista da exposição "Por um sopro de fúria e esperança - uma declaração de emergência climática" no MuBE, 2021. Foto: Marcus Vinicius de Arruda Camargo

Pág 14 - León Ferrari (1920-2013), Passarelas, 2003, Cópia heliográfica de original de 1983, 78.6 x 110 cm. Imagem cortesia Fundación Augusto y León Ferrari.

Pág 15 - León Ferrari (1920-2013), Rond Point I, 2003, Cópia heliográfica de original de 1981, 93.2 x 90.2 cm. Imagem cortesia Fundación Augusto y León Ferrari.

Pág 19 e 20 - León Ferrari (1920-2013), Bairro, 1980/2007, Cópia heliográfica, 108 x 246 cm. Coleção MAM São Paulo - Doação do artista por intermédio do Núcleo Contemporâneo MAM São Paulo, 2007. Foto: Romulo Fialdini

Pág 24 - Floresta de Bolso Mutirão SP. Acervo Ricardo Cardim.

Pág 25 - Sabiá-laranjeira, criação agência The Jugu
Pág 29 - Sandra Cinto, Imitação da Água (vista geral da segunda sala - Tempestade), 2010, caneta permanente sobre tela, papéis dobrados e madeira, dimensões variadas (Detalhe), Instituto Tomie Ohtake, São Paulo. Cortesia Casa Triângulo, São Paulo. Foto: Everton Ballardin.

AGRADECIMENTOS

Ágora Comunicação, Alexandre Bossi, Ana Ferrari, Ary Perez, Carmela Gross, Cauê Alves, Conselho de Arquitetura e Urbanismo de São Paulo (CAU - SP), Fernando Túlio Franco, Fundación Augusto y León Ferrari, Leandro Lima, Leonardo Finotti, Marcia Hirota, Marcus Vinicius de Arruda Camargo, Museu de Arte Moderna de São Paulo - MAM SP, Ricardo Cardim, Ricardo Trevisan, Roberto Klabin, Romulo Fialdini, Sandra Cinto, The Jugu

FICHA TÉCNICA

Coordenação editorial: Flavia Velloso

Coordenação educativa e supervisão de conteúdo: Talita Paes

Apoio Administrativo: Vinicius Torres e Anny Carolina Augusto Matias

Design Gráfico: Ruth Pires

Ilustração da capa: Rodrigo Gomes

Revisão de Texto: Alexandre Agabiti

Tradução: João Costa

Exposição:

"A terceira margem da cidade: Paulo Mendes da Rocha e os desafios da vida no planeta"

Curadoria: Guilherme Wisnik, Marta Bogéa e Fernando Túlio Franco

MuBE - Museu Brasileiro da Escultura e Ecologia
Av. Europa 218, Jd Europa, São Paulo - SP, Brasil

PRONAC 247470

Material gratuito

Proibida a comercialização



Lei Rouanet
Incentivo a
Projetos Culturais



Patrocínio Ação Educativa



Patrocínio Sênior



Patrocínio



Apoio Institucional



Realização



MINISTÉRIO DA
CULTURA

